

Edição de documentos e estudo lexicográfico do campo semântico *charque* na região sul do Brasil: primeiras impressões

(Documents edition and lexicographic studies on the semantic field of *charque* (dried meat) in the south region: first impressions)

Cátia Schreiner¹

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (USP)

catia.schreiner@usp.br

Abstract: This article aims at presenting, in general terms, the doctoral thesis which is still in progress and is named “Documents edition and lexicographic studies on the semantic field of *charque* (dried meat) in the south region”. The article also describes the first impressions obtained so far and the *corpus* selection and editing model to be followed. At the end of the article, a discussion about semantic field demonstrates difficulties found to define and to delimit the lexicon of the semantic field of *charque*.

Keywords: editing; semantic field; lexicon; *charque* (dried meat); philology.

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal apresentar, em linhas gerais, a tese de doutorado em andamento intitulada: Edição de Documentos e Estudo Lexicográfico do Campo Semântico *Charque* na Região Sul,¹ assim como descrever as primeiras impressões obtidas até o presente momento. Também pretende descrever a seleção e os tipos de edição do *corpus* a ser empregado e, ao final do artigo, levanta-se a discussão sobre campo semântico, expondo as dificuldades encontradas na definição e delimitação na formação da listagem do léxico do campo semântico *charque*.

Palavras-chave: edição; campo semântico; léxico; *charque*; filologia.

Introdução

A pesquisa de doutoramento tem como objetivo geral estudar o léxico que envolve o campo semântico *charque* no sul do Brasil. Para a realização desse trabalho estão sendo utilizados documentos manuscritos e impressos, antigos e modernos, material oral, assim como os atlas linguísticos elaborados na referida região. A partir da listagem do léxico do campo semântico *charque*, que resultará em um glossário, o trabalho em questão propõe, também, uma discussão sobre as influências e contribuições nessas e dessas lexias na formação e expansão da variedade do português brasileiro, analisando, nesta discussão, o grau de influência do dialeto caipira paulista no sul do Brasil, atrelando os movimentos bandeirante, monçoeiro e tropeiro com a economia do *charque*. O que se pretende é – considerando a função transcendente da ciência filológica, que, de acordo com seu conceito amplo, estuda as sociedades e civilizações através de documentação escrita, tendo como apoio a História Social – buscar, em documentos escritos, aspectos lexicais, sócio-históricos e culturais relacionados à produção, consumo e comercialização do *charque*.

¹ Esta pesquisa é realizada na Universidade de São Paulo – USP e tem o apoio da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Neste trabalho pretende-se descrever como se deu a seleção e formação do *corpus* a ser empregado, abordando as obras e os autores que foram estudados. Em um segundo momento, se fará a descrição breve de que tipo ou tipos de edição foram empregados e quais as normas utilizadas. Uma vez que este trabalho realiza um estudo interdisciplinar, utilizando-se da filologia, da história social e da linguística, visando à contribuição para os estudos em História da Língua Portuguesa, pretende-se, também, levantar uma discussão sobre campo semântico.

Para uma melhor explanação e visualização do conceito proposto, serão apresentados exemplos de vocábulos, assim como de expressões lexicais retiradas do próprio *corpus* selecionado e editado. Estes itens lexicais serão seguidos de suas acepções para destacar e melhor exemplificar o trabalho como um todo, demonstrar as dificuldades encontradas na definição e delimitação da formação da listagem do léxico do campo semântico *charque*, assim como também auxiliar na sustentação do conceito de campo semântico proposto para este trabalho.

Seleção e formação do *corpus*

A primeira etapa realizada foi uma pesquisa bibliográfica sobre o *charque* como bem de consumo e bem de exportação no sul do Brasil, a fim de estabelecer quais regiões seriam escolhidas para a seleção do material escrito.

A seleção da bibliografia estudada foi realizada na biblioteca Florestan Fernandes (FFLCH - USP), na biblioteca da Casa de Portugal, no bairro da Liberdade em São Paulo e em biblioteca particular.

A primeira obra pesquisada foi do autor Simonsen (1937), que, em sua obra, afirma que o desenvolvimento da indústria de *charque* na região sul supria, por via marítima, as populações litorâneas do centro-oeste e acabaram substituindo a carne-de-sol ou carne-de-vento, produzida principalmente no Ceará.

Na obra de Caio Prado Júnior (1945), o autor atribui ao *xarque* e às *xarqueadas* o “organizador do caos” criado pela produção do couro – pois as sobras de carnes eram imensas – e, somada à decadência da pecuária nos sertões do nordeste, esta indústria acabou tendo um papel expressivo na economia brasileira. Sobre as localidades de maior relevância para esta pesquisa, o autor discorre o seguinte:

a indústria do xarque, as “xarqueadas”, localizam-se num ponto ideal: entre os rios Pelotas e S. Gonçalo, nas proximidades ao mesmo tempo dos grandes centros criatórios da “fronteira”... ... Esta localização da indústria dará origem ao centro urbano que seria o primeiro da província depois da capital; mas primeiro absoluto em riqueza e prestígio social: **Pelotas**.² (PRADO Jr., 1945, p. 105-106)

Outra obra estudada foi *Formação do Brasil Contemporâneo – Colônia* (1965), do mesmo autor. Nesse livro, Prado Júnior discorre sobre a pecuária dividindo-a em zonas e fases. Sobre pecuária na região do Extremo Sul, o autor cita e repete as mesmas informações sobre a pecuária usadas na obra anterior, confirma os mesmos dados históricos e reafirma o município de Pelotas como o núcleo das charqueadas.

² Grifo nosso.

Cunha (1908) divide sua obra em dois momentos: o primeiro momento apresenta informações gerais do Rio Grande do Sul e, no segundo momento, o autor cita uma abundante quantidade de municípios gaúchos fornecendo dados específicos pertencentes a cada uma das cidades detalhadas.

A obra de Buarque de Holanda (1960) acaba por repetir os dados dos outros autores estudados e descreve como simples a instalação de uma charqueada – composta por um galpão onde se preparava e salgava a carne e um secadouro, para secá-la ao ar livre. Sobre esse bem de consumo e exportação, o autor cita outros produtos aproveitados nas charqueadas como o sebo, chifres, crinas e certifica a importância do charque na alimentação dos escravos.

Encerra-se esta explanação bibliográfica para a determinação dos lugares que servirão de pesquisa em busca de documentação escrita, com a produção de Souza Docca (1954). Essa obra apresenta um breve comentário acerca do *charque*, considera José Pinto Martins fundador dessa indústria no Rio Grande do Sul, cita mais uma vez o Arroio Pelotas como o principal local de produção, e também acrescenta outros lugares como importantes. Como pôde ser observado, a bibliografia estudada serviu para estabelecer as regiões a serem escolhidas como também para a exclusão de outras na seleção de documentação escrita. A fim de evitar uma repetição e citação extensa das obras lidas, para este artigo, apenas algumas obras pesquisadas foram citadas.

Após o estudo bibliográfico, a seleção da documentação escrita deu-se nos seguintes lugares: O Museu Histórico e Bibliográfico da Biblioteca Pública Pelotense, Arquivo do Estado do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, e no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, localizado em Florianópolis.³ Também serão usadas outras fontes como base para os estudos de lexicografia e lexicologia, por exemplo, o estudo dos atlas linguísticos existentes sobre a região Sul brasileira e também de uma pesquisa oral a ser realizada no município gaúcho de Pelotas. Espera-se que essas fontes auxiliem na composição do glossário e na atestação do uso do léxico levantado e estudado.

Edição dos documentos selecionados

Dando continuidade à exposição das primeiras impressões do trabalho, nesta seção se fará uma apresentação sobre o tipo de edição utilizado nos documentos e quais as normas adotadas para este fim.

O *corpus* selecionado nesta primeira etapa do trabalho é composto por documentos manuscritos e impressos, antigos e modernos. Não se considera, por ora, que o *corpus* esteja formado e encerrado. Isto é, ao longo das pesquisas, caso surjam mais documentos ou obras que possam servir para o aprimoramento do estudo do léxico do campo semântico *charque*, estes poderão ser incluídos como parte componente da investigação.

Neste trabalho estão sendo empregados dois tipos de edição. O primeiro deles é a chamada *edição mecânica* ou *facsimilar*, caracterizada por conceder ao trabalho a

³ Durante o curso de mestrado, os estudos do códice intitulado “Ofícios do Vice-Rei para o Governador da Capitania 1793/98”, localizado no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, apresentaram vários documentos tratando do *charque* como bem de consumo e exportação. Em razão desse estudo, iniciou-se uma série de questionamentos acerca desse tema, o que motivou a tese de doutoramento. Por essa razão, optou-se em também selecionar documentos catarinenses mesmo não encontrando referências desse Estado nas obras lidas.

mais fiel das edições, ou seja, não há mediação entre o editor e o documento. A edição *facsimilar* pode ser feita a partir de várias técnicas. Neste trabalho optou-se pelo uso da fotografia. Entretanto, de acordo com Cambraia, esse tipo de edição “tem a desvantagem de poder ser consultada apenas por especialistas, porque pressupõe a capacidade de se ler um texto na escrita original” (2005, p. 91-92).

Diante disso, somada à conscientização de que o público-alvo almejado nesta pesquisa é composto por especialistas e não-especialistas, realizou-se também a edição denominada *edição semidiplomática*. Esse tipo de edição tem como característica eliminar as dificuldades paleográficas através do desenvolvimento de abreviaturas e inserção de palavras ou letras. A edição desse trabalho tem como base as Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil, propostas durante o II Seminário para a História do Português Brasileiro, de 1998. Segue a lista das normas adotadas na transcrição/edição dos documentos. Algumas delas foram normalizadas e/ou normatizadas a fim de adequarem-se às propostas do trabalho.

Normas adotadas na transcrição

1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas, obedecendo aos seguintes critérios:
3. Respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “munto”, que leva a abreviatura “m.to.” a ser transcrita como “munto”; e
4. No caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual, como no caso de ocorrências “Deos” e “Deus”, que levam a abreviatura “D.s” a ser transcrita como “Deus”.
5. Será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas; não se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver.
6. A pontuação original será rigorosamente mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba não será marcado.
7. A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração. Exemplos: “saude”; “sómone”; “algũas”; “Iose de Mattos”; “obzequialo”; “divida”; “obrigadissimo”; “hé seo”.
8. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.
9. Eventuais erros do escriba ou do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. Exemplo: “nota 1. “Seriço” por Serviço”; “nota 2. “pestar-lhe” por “prestar-lhe”.
10. Inserções do escriba ou do copista na entrelinha ou nas margens superior, laterais ou inferior entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplo: < Cópia >.

11. Supressões feitas pelo escriba ou copista no original serão tachadas. Exemplo: “todos ninguem dospresentes assignarom”; “sahiram sahiram aspressas para oadro”. No caso de repetição que o escriba ou copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor, que a coloca entre colchetes duplos. Exemplo: “fugi[[gi]]ram correndo [[correndo]] emdireção opaço”.
12. Intervenções de terceiros no documento original aparecerão em nota de rodapé, informando-se a localização.
13. Intervenções do editor hão de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem a dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes. Exemplo: “naõ deixe passar neste [registro] de Areas”.
14. Letra ou palavra não legível por deterioração justificam intervenção do editor na forma do item anterior, com a indicação entre colchetes: [ilegível].
15. Trecho de maior extensão não legível por deteriorização receberá a indicação [corroídas + 5 linhas]. Se for o caso de trecho riscado, cortado ou inteiramente anulado por borrão ou papel colado em cima, será registrada a informação pertinente entre colchetes e sublinhada.
16. A transcrição será justalinear.
17. As assinaturas simples ou as rubricas serão sublinhadas. Os arabescos ou adornos do início ou final de assinatura serão omitidos.
18. As datas cronológicas serão sublinhadas, se assim constar no manuscrito. Para diferenciar o sublinhado das assinaturas, será utilizado sublinhado duplo.
19. O sinal // que segue as datas cronológicas é transcrito como ,, Exemplo: Rio de Janeiro 22 ,, de Dezembro de 1797 para diferenciar do uso das barras duplas, quando houver.

Para uma melhor visualização do tipo de edição realizado, segue um exemplo de edição facsimilada e sua transcrição. Trata-se de uma carta enviada a um charqueador em que o remetente solicita informações sobre o aluguel de escravos destinados ao serviço de charqueada. Esse documento encontra-se no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, nos autos número 775, maço número 46, estante 25.

(Doc. n. 5)

94

Mto. Sr. J. C. Junius Brutus Cassio
de Almeida.

Pelotas 30 de Outubro de 1853

Reço-lhe o favor de informar-me ao pé
dieta, para fins convenientes, qual o preço
do aluguel annual dos escravos destinados
ao serviço de carregada, isto é, do anno
corrido, obrigando-se o carregador a dar-
lhes alimentações, vestuário e botica. No
numero dos escravos cujo aluguel eu deo
saber, comprehendem-se carregadores, si-
mangos, salgadores, e descarnadores. Deo
saber se o preço do aluguel tem sido inea-
riavel durante alguns annos atrás. Sendo
V.ª carregador, pôde, com conhecimento
de causa, prestar-me a informações que
peço com urgencia. Queira authorizar
me a uzar de sua resposta, como me
conviu.

Seu de V.ª et. e obl.º

Mto. Sr. Sr. Fernando Luis Ojeda

Respondendo a parente de V.ª a mim
Cassio, tenho a dizer lhe o seg.º
Os aluguis d'escravos para
carregada varião em preço, por
que uns alugão por 30 mtoe

< (Documento número 6) >

< 94 >

Illustrissimo Senhor Tenente Coronel Junino Brutus Cassio de Almeida.

Pelotas 30 de Outubro de 1883

Peço-lhe o favor de informar-me aó pé désta, para fins convenientes, qual o preço do aluguel annual dos escravos destinados ao serviço de Xarqueada isto é, do anno corrido, obrigando-se o Xarqueador a dar-lhes alimentação, vestuario e botica. No numero dos escravos cujo aluguel eu desejo saber, comprehendem-se xarqueadores, xi=mangos, salgadores, e descarneadores. Desejo saber se o preço do aluguel tem sido invariavel durante alguns annos atrás. Sendo *Vossa Senhoria* Xarqueador, póde, com conhecimento de causa prestar-me a informação que peço com urgencia. Queira authorizar-me a uzar de sua resposta, como me conviér.

Sou de *Vossa Senhoria criado* e obrigado
[Ill]ustrissimo Senhor Doutor Fernando Luis Ozorio

Respondendo a presente de *Vossa Senhoria* a mim dirigida tenho a dizer lhe o seguinte
Os alugueis d'escravos para xarqueada varião em preço, por que uns alugão tão sómente

Dificuldades encontradas na definição e delimitação no levantamento do léxico do campo semântico *charque*

Na última seção proposta para este artigo, propõe-se uma breve discussão sobre as dificuldades encontradas na definição e delimitação no levantamento do léxico do campo semântico *charque*.

Neste contexto, define-se o campo semântico como um conjunto de unidades lexicais, expressões lexicais ou lexicalizadas que ligam-se e relacionam-se pelo sentido ou por traços comuns. Sendo assim, propõe-se um debate acerca do campo semântico *charque* tratando-o como um conjunto de palavras, de itens lexicais, que retrate a produção, organização econômica e social como práticas de identidade cultural deste produto.

No trabalho, o léxico considerado pertencente ao campo semântico *charque* aparece grifado em amarelo nas edições (conforme exemplo acima). Ao final, essas lexias são apresentadas em uma lista,⁴ em ordem alfabética. As palavras apresentam suas definições

⁴ Vale ressaltar que essa lista ainda está em fase de elaboração, sendo que poderá ser alterada, com a exclusão de algumas lexias ou com a inclusão posterior de outras.

formuladas a partir das definições dadas pelos próprios autores dos documentos e obras do *corpus*. Quando não for possível utilizar esse recurso, serão utilizados dicionários selecionados para esse fim.

Para uma melhor visualização seguem alguns exemplos de documentos facsimilados e editados, assim como também de trechos de obras lidas.

EXEMPLOS:

Na edição do documento anterior, como já foi dito anteriormente, algumas palavras foram grifadas de amarelo. Esses vocábulos não apresentam nenhuma dificuldade para classificá-los como pertencentes ao campo semântico proposto. Portanto, são considerados pertencentes ao campo semântico *charque* e apresentam as seguintes definições:

Charqueada: estabelecimento onde se charqueia a carne || saladeiro.

Charqueador: fabricante de charque || proprietário de charqueada || o que charqueia.

Descarnador: operário das charqueadas que separa os ossos das carnes || instrumento ou máquina apropriados para descarnar couros, peles e dentes.

Descarneador: ver descarnador.

Salgador: operário das charqueadas encarregado de impegnar as carnes de sal.

Xarqueada: ver charqueada.

Xarqueador: ver charqueador.

Ximango: trabalhador de charqueada.

Seguindo as exemplificações, seguem os facsímiles e suas edições:

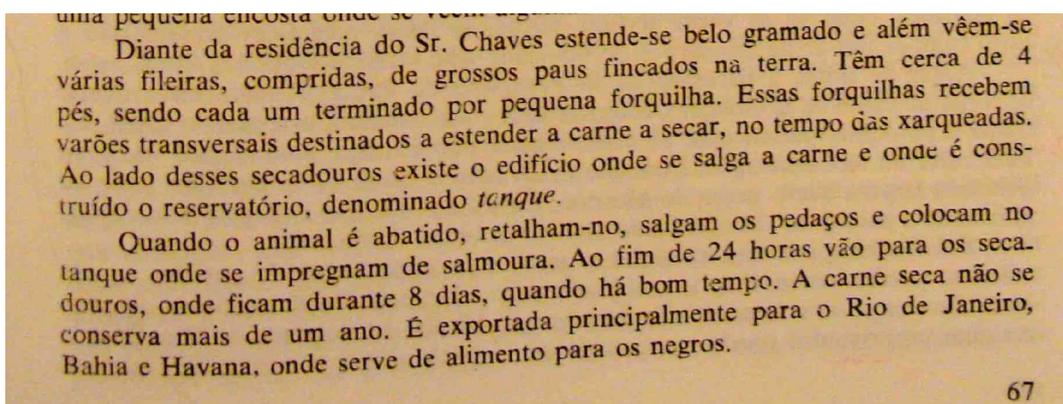
carne e de gordura.

Em toda parte onde parávamos na estrada, meu guia perguntava se era possível adquirir uma manta. A manta nada mais é que uma grande faixa de carne seca e nunca foi vendida ao meu guia, pois todos o presenteavam com franqueza. Ele e seus companheiros improvisaram então espetos de pau, com os quais assavam ligeiramente pedaços de carne, sendo a manta logo devorada.

Companheiro 22 de junho. Acompanhado pelo maior João Pedro¹ diri-

carne e de gordura.

Em toda parte onde parávamos na estrada, meu guia perguntava se era possível adquirir uma manta. A manta nada mais é que uma grande faixa de carne seca e nunca foi vendida ao meu guia, pois todos o presenteavam com franqueza. Ele e seus companheiros improvisaram então espetos de pau, com os quais assavam ligeiramente pedaços de carne, sendo a manta logo devorada.



Diante da residência do *Senhor Chaves* estende-se belo gramado e além vêm-se várias fileiras, compridas, de grossos paus fincados na terra. Têm cerca de 4 pés, sendo cada um terminado por pequena forquilha. Essas forquilhas recebem varões transversais destinados a estender a carne a secar, no tempo das xarqueadas. Ao lado desses secadouros existe o edifício onde se salga a carne e onde é construído o reservatório, denominado *tanque*.

Quando o animal é abatido, retalham-no, salgam os pedaços e colocam no tanque onde se impregnam de salmoura. Ao fim de 24 horas vão para os secadouros, onde ficam durante 8 dias, quando há bom tempo. A carne seca não se conserva mais de um ano. É exportada principalmente para o Rio de Janeiro, Bahia e Havana, onde serve de alimento para os negros.

Esses trechos facsimilados foram extraídos da obra do botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (1999). Trata-se de um diário de bordo em que os lugares visitados pelo autor são apresentados seguidos de comentários ricos em detalhes. As apreciações feitas pelo botânico ultrapassam essa ciência, alcançando observações sobre topônimos, geografia, costumes, cultura em geral e língua.

Da obra de Louis Couty, *A Erva Mate e o Charque (Le Mate et les Conserves de Viandes)* foram extraídos os exemplos abaixo.⁵ Trata-se de um relatório à Sua Excelência, o Sr. Ministro da Agricultura e do Comércio francês, datado de 1880, sobre a missão de Couty nos estados do sul do Brasil. Sobre o mercado e produção do *charque*, o autor observa que seus processos permanecem estacionários há algum tempo e, por isso, insiste em estudos sobre as charqueadas ou saladeiros em si.

O modo de descrição de como funciona uma charqueada e todo o processo de armazenamento, transporte, comercialização tem um caráter científico em que o autor utiliza-se de um modo comparativo que o auxilia por toda a obra. A dizer, Couty analisa o preparo do *charque* no sul do Brasil, especificamente em Pelotas, e compara com o modo de preparo do *charque* da região do Rio da Prata.

⁵ Esses trechos de documentos não foram editados segundo as normas citadas anteriormente, consta do trabalho somente a edição facsimilada.

das do mau aspecto das carnes do Rio Grande.

A carne é, finalmente, levada para as "varas", ou **secadores**: são simples barras de madeira, bastante longas, estendidas transversalmente a 1m 50 do solo, mais ou menos, e dispostas muito variadamente. Assim, muitas vezes, principalmente no Sul, instalar-se-ão sobre os mesmos suportes verticais duas séries de varas, umas acima das outras; as superiores receberão as mantas, as inferiores, os pedaços menos importantes. Estas varas, geralmente afastadas de 2 m a 2m 20, são às vezes de tal forma próximas, que os fragmentos de carne fazem sombra uns sobre os outros. A direção das varas é, geralmente, de oeste a leste, de maneira que a exposição seja Norte-Sul: mas esta direção é, outras vezes, bastante ruim. Enfim, a disposição do conjunto de varas é

em uma sala vizinha, o **galpão**, sobre suportes especiais, "tendidas". Destaca-se, a seguir, em um só fragmento, todos os músculos cérvico-faciais, dorso-lombares e costo-abdominais do mesmo lado: cada um desses enormes fragmentos unilaterais constitui a "manta", a porção mais apreciada pelos consumidores.

Somente no Rio da Prata, cada manta compreende também, além dos músculos pré-vertebrais e torácico-abdominais, os músculos "carré" dos lombos e psoa-ilíacos do mesmo lado; ao contrário, em Pelotas, destacam-se à parte os músculos lombo-ilíacos direitos e esquerdos para deles fazer um pedaço único, supranumerário: o "lombo". Além do mais, no Rio da Prata, as mantas compreendem também os músculos intercostais, fáceis de destacar, enquanto que, em Pelotas, deixam-se estes músculos aderentes nas costelas; e estas fileiras de costelas com a carne intermediária formarão o que se chama as "costelas". Estas costelas serão utilizadas, sobretudo, para a alimentação dos empregados e dos escravos.

Como se pode perceber, pelas acepções dos autores dos textos, as lexias: *vara*, *manta* e *tanque* também fazem parte do campo semântico *charque*:

Manta: enormes fragmentos unilaterais de carne || grande faixa de carne seca || porção de carne apreciada pelos consumidores de charque || grande pedaço de carne de rês, seco ao sol.

Tanque: edifício construído destinado a salgar a carne.

Vara: barra de madeira, bastante longa, estendida transversalmente a 1.50 metros do chão onde são colocadas as mantas de carne para secar.|| forquilha transversal destinada a estender a carne para secar || barras grandes colocadas horizontalmente sobre esteios, paralelas umas às outras, para nelas ser exposta ao sol a carne que sai do sal e que será transformada em charque.

Os exemplos a seguir fazem parte das lexias ainda em julgamento. O exemplo que se segue é uma lista de objetos pertencentes a uma charqueada e faz parte de um inventário de um charqueador. A grande dificuldade até agora encontrada é justamente limitar o campo semântico, ou seja, se se considera campo semântico o conjunto de palavras, de itens lexicais, que refletem a produção, organização econômica e social como práticas de identidade cultural desse bem de consumo e exportação, torna-se difícil limitar quais lexias são componentes desse conjunto. Os vocábulos como *peneira*, *atestador*, e *escumadeira* – dentre outros – deveriam ser considerados como pertencentes ao campo semântico *charque*?

Para o melhor entendimento, segue facsímile do documento citado e sua edição:

<105>

Relação da Charqueada, objectos pertencentes á mesma que entregamos ao *Senhor* João Miguel Vieira por ordem de *Dona* Anna Corrêa Barcellos em 15 de Setembro de 1870.

Charqueada com o varal que recebemos

- 1 Zorra em seu estado perfeito
- 18 Carrinhos de mão
- 2 Tinas completas (sendo uma feita pela sociedade)
- 2 [das] de sebo
- 1 Bomba que recebemos
- 2 Balancas completas com pertences (sendo 1 velha)
- 2 Peneiras de sal
- 5 Medidas de [ilegível]
- 10 Enchadas comprada pela sociedade
- 20 Machados
- 10 Pás
- 10 Baldes comprado pela sociedade
- 2 Ganchos “ “ “
- 1 Funil “ “ “
- 1 Rodo “ “ “
- 1 Cinzeiro “ “ “
- 7 Lampeões “ “ “
- 1 Par de patolas “ “ “
- 1 Chase Inglesa “ “ “
- 1 Barril pequeno “ “ “
- 2 Carro [ilegível] de mão
- 1 Carroça grande
- 2 Colheres
- 2 Baldiadeiras
- Escumadeiras
- 4 Candieiros, comprado pela sociedade
- 1 Attestador

Relação da Changuacua, e objectos pertencentes a mimma que entregamos ao Sr. Joãoelli- quel Vieira por ordem de D. Anna Corria Mendes em 15 de Setembro de 1870.

- Changuacua com o solar que recebemos
- Terra em estado perfeito
- 18 Canieiros de mão
- 2 Finas Completas (suas unna feita pela sociedade)
- 2 das de sebo.
- 1 Tromba que recebemos
- 2 Balancas Completas com pautas (suas 1 Helha)
- 2 Peminas de sal
- 5 Medidas de d.º
- 6 Cuchadas compr. pela Soc.º
- 4 Machados
- 6 pás
- 6 Baldes compr. pela Soc.º
- 2 Gauchos " " "
- 1 Fimil " " "
- 1 Roda " " "
- 1 Cingiro " " "
- 7 Lampião
- 1 var de patolas
- 1 Chave inglesa
- 1 Baril pequeno " " "
- 2 Carrociinhos de mão
- 1 Carroca grande
- 2 Colthun
- 2 Peddiadeiras
- Escumadeiras
- 4 Carruiceros, compr. pela Soc.º
- 1 Attestaor

Extraindo somente três exemplos do documento acima, temos os vocábulos: *peneira*, *escumadeira* e *atestador*. Por se tratar de um inventário, esse tipo documental apresenta, em sua forma, apenas uma lista ou relação discriminada de bens e mercadorias, a serem divididos pelos herdeiros, o que torna a natureza do documento passível de falta de explanação como ocorreu com *varal*, *manta* e *tanque*. Uma vez que nesse caso as referidas lexias são simplesmente citadas, a busca pelas suas definições será feita em dicionários como Bluteau, Moraes, Houaiss e Villar (2001), Aulete (s.d.), dentre outros.

Peneira: caixa circular de madeira com fundo de crina, de seda, de arame ou de outros materiais, cujos fios são entrançados mais ou menos estreitamente, e que serve para passar as substâncias reduzidas a pequenos fragmentos e principalmente a farinha dos cereais.

Atestador: vasilha com que se atestam as pipas e tonéis. || o que atesta vasilhas.

Escumadeira: espécie de colher em forma de crivo que serve para tirar a espuma que se ajunta sobre os líquidos quando estes fervem ou se agitam.

A questão que envolve a discussão sobre o campo semântico *charque* é que essas três lexias não são usadas exclusivamente em charqueadas como alguns outros vocábulos selecionados do *corpus* do trabalho. Entretanto, como foram encontradas em documentos de inventários de charqueadores, que recebe em seu cabeçalho: *Relação da Charqueada, objectos pertencentes á mesma...* serão incluídos e, mesmo não encontrando definição em dicionários que os liguem diretamente à produção, comercialização, etc., do *charque*, deverão constar como pertencentes ao campo semântico estudado em virtude do suporte documental de onde foram extraídos.

Considerações finais

Uma vez que a tese de doutoramento, que embasa as primeiras impressões a que se dedica este trabalho, ainda encontra-se em andamento, há muitos pontos a serem levantados e muita pesquisa ainda a ser feita. O que se procurou fazer neste artigo foi apresentar o início dos trabalhos e levantar a questão do campo semântico e as dificuldades encontradas na delimitação desse campo conceitual.

Espera-se que os estudos de lexicografia e lexicologia que estão sendo realizados possam auxiliar no entendimento de algumas questões aqui levantadas e que possam servir para auxiliar no desenvolvimento da pesquisa de forma mais empírica. Espera-se, também, que a coleta oral a ser realizada seja relevante na formação da listagem do léxico.

Entretanto, é necessário que se perceba que o caminho de construção de uma teoria deve sempre estar bem estruturada, e que o *corpus* estudado também possa contribuir de forma decisiva no suporte metodológico.

De forma geral, pretende-se que este estudo, utilizando-se da filologia, da história social e da linguística, contribua para os estudos em História da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULETE, F.J.C. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo. [s.d.]. Disponível em: http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital. Acesso em: 12 mai. 2010.
- CAMBRAIA, C.N. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COUTY, L. *A Erva-mate e o Charque*. Pelotas: Seiva, 2000 [1880].
- CUNHA, E.A.L. *O Rio Grande do Sul – contribuição para o estudo de suas condições econômicas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.
- DOCCA, E.F.S. *História do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1954.
- HOLANDA, S.B. de. *História Geral da Civilização Brasileira – I. A Época Colonial; II. Administração, Economia, Sociedade*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.
- HOUAISS, A. (1915-1999); VILLAR, M. de S. (1939 -). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- PRADO Jr., C. *Formação do Brasil Contemporâneo – Colônia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965.
- _____. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1945.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1999.
- SIMONSEN, R. C. *História Econômica do Brasil 1500-1820*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

BIBLIOGRAFIA NÃO CITADA

- MEGALE, H. (Org.). *Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil*. In: SEMINÁRIO PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO, II, 1998, Campos do Jordão. Mimeo.
- SCHREINER, C. *Edição Semidiplomática de Documentos Manuscritos do Século XVIII: Livro de Ofícios do ViceRei para o Governador da Capitania de Santa Catarina (1793-1798)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SILVA NETO, S. da. *História da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.